Análise do conto *O Senhor do Seu Nariz* e outras histórias, de Álvaro de Magalhães

1. O Autor

Quem é Álvaro de Magalhães? Ele vai dizer-to na primeira pessoa...

O meu nome é Álvaro Magalhães. Nasci em 1951 na cidade do Porto, onde sempre vivi (e onde sempre viverei, acho eu). Quando era pequeno brincava na rua estreita onde morava, envolvendo-me em renhidos jogos de futebol que eram interrompidos quando passava um automóvel. Às vezes, porém, faltava aos jogos e passeava sozinho pelas ruas à volta, onde não conhecia ninguém. Ou então ficava em casa a imaginar coisas. (...) Preferia encher cadernos pautados com poemas e intermináveis histórias. Já então necessitava de inventar poemas e histórias. Aliás comecei por escrever e publicar poesia, e também fui editor de poesia durante alguns anos. Ainda hoje, a poesia está sempre presente.

Por volta dos 11, 12 anos, descobri que, afinal, a escrita era a minha vocação , graças a um professor de Português, o "setôr" Órfão. Nos dias de teste, ele escrevia as perguntas de gramática e interpretação no quadro negro com uma letra aflitivamente miudinha. Acontece que eu era míope, mas recusava-me a admiti-lo para evitar que os meus pais me obrigassem a usar os óculos que me iriam desqualificar aos olhos dos outros. Quem ia admitir que um "caixa-de-óculos" defendesse a baliza da equipa de futebol da turma? E as raparigas? E o resto? Como podia eu encontrar o meu lugar num mundo tão vasto e tão perigoso com uns óculos de lentes grossas pousados no nariz? Da minha carteira, a meio da sala, só via no quadro uma névoa de poeira esbranquiçada e, então, pedia autorização para me levantar e subir ao estrado, onde as letrinhas brancas ganhavam uma nitidez luminosa.

(...) O setôr Órfão apreciava as minhas composições, que lia muitas vezes em voz alta, e dava-me sempre uma positiva elevada e, no final do ano ofereceu-me a inesquecível coroa de glória de "melhor aluno" a Português. (...)

O "setôr" Órfão falava-me de livros e de poemas e de histórias e de escritores mas não me mandava ler, o que teria feito de mim um leitor melhor do que o que sou. Mandava-me escrever. O que eu quisesse. (...) Passei a escrever desesperadamente, o que acabou por me valer a exclusão da equipa de futebol. Como podiam os outros continuar a dormir descansados se a baliza da turma ficasse à guarda de um intelectual que, ainda por cima, era míope e mal via a bola? (Leiam o poema "O guarda-redes míope" e ficarão a saber mais sobre o assunto). Tudo isto se passou no ano em

que eu tive "dezoito" a Português e "sete" a Matemática, e o meu pai não sabia se havia de me premiar ou castigar e acabou por fazer as duas coisas para ter a certeza de que estava a ser justo. Ainda hoje tenho as minhas dificuldades em questões matemáticas, mas vinguei-me, quando escrevi o conto "Maldita matemática!", um título que suscita sempre uma aclamação calorosa quando o refiro, nos encontros com alunos.

Comecei por publicar quatro livros de poesia no início dos anos 80 antes de escrever o meu primeiro conto para crianças e descobrir que era essa a minha principal vocação. Quando a minha filha andava a aprender a ler eu escrevi para ela a história de uma menina que visitava o país das letras e das palavras: "História com muitas letras". Daí em diante nunca mais parei e até hoje já escrevi cerca de 40 livros para os mais novos.

Quando me quero afastar do mundo que me rodeia, o dos adultos, uso a minha orelha verde. É a orelha esquerda. Essa orelha ouve a linguagem das árvores, dos pássaros, das nuvens, das pedras, enquanto a outra, a direita, apenas ouve o que lhe interessa: as coisas úteis, as coisas que servem para alguma coisa, ou seja, a vida comum, quotidiana. Histórias fantásticas, maravilhosas, poemas, nada disso é com ela, são coisas que lhe soam estranhamente. Essa orelha, a verde, ficou-me do meu tempo de menino e continua a entender os mais novos e a ouvir e a ver coisas que os adultos já não conseguem distinguir. É essa orelha, quer dizer, é essa abertura à vida, que me permite aceder ao vosso mundo e entender-vos como se fossem companheiros da minha própria infância ou adolescência. Agora que lhes contei o meu segredo, vejam lá se o sabem guardar.

(...) Quanto ao que se vai passar, apenas sei que, apesar de já ter escrito tantos livros, me parece que ainda estou a começar. Todos os dias escrevo e todos os dias tenho novas ideias para novas histórias. Só tenho medo de não ter tempo para as poder contar todas.

Álvaro de Magalhães, in Netescrit@ (autobiografia adaptada e com supressões)

Escola Básica de Fornelo do Monte

Conto

O senhor do seu nariz

"Custou-me muito nascer. Estava tão bem desnascido, aconchegado, sem ter nada que fazer. Mas tinha de ser.

Foi então que apareceu a fada. Tinha duas asas fininhas que a mantinham no ar e trazia uma saia cor-de-rosa, muito rodada, que já não se usava.

Não foi convidada mas apareceu. Foi o que lhe deu. Pousou a mão na minha testa e disse:

– A vida deste rapaz vai dar para o torto.

– Não diga isso – pediu a minha mãe, muito aflita.

– Digo, pois – voltou a fada. – Ele terá um nariz do tamanho de um chouriço. Por isso...

E foi assim que aconteceu. O tempo ia passando e o meu nariz crescia mais depressa do que eu. Quando parei de crescer tinha um nariz a perder de vista, mas continuava otimista. Um nariz do tamanho de um chouriço? Podia ser pior, dizia eu. E agora pergunto: não era pior se fosse do tamanho de um presunto?

Era desagradável ser tão diferente do resto da gente, mas que havia de fazer se era esse o meu destino? Quanto ao meu nariz imponente, também era pesado e obrigava-me a andar inclinado para a frente. Tinha dores nas costas desde pequenino.

E não era em todo o lado que cabíamos os dois. Havia sítios onde só ele ia. Eu esperava, cá fora. Ou vice-versa. Tanta vez que isso aconteceu: ou entrava ele ou entrava eu. E não era só isso. Ele chegava antes de mim a todo o lado. Quando eu entrava já ele lá tinha estado. Era aborrecido, não digo que não, mas habituei-me, que a gente habitua-se a tudo. Até a um nariz do tamanho de um chouriço. Por isso...

Aliás também havia coisas que corriam bem e chegavam para me fazer feliz. Nas corridas, por exemplo, ganhava sempre por um nariz. E, claro, cheirava como ninguém, pois então. As pessoas cheiravam o mar, os bosques e as flores, eu cheirava o mar, os bosques e as flores, como nem o mar, os bosques e as flores sabem que são. Mas havia mais: para saber o que estava a acontecer bastava-me cheirar. Se me esforçasse e cheirasse mais forte, mais fundo, era capaz de perceber o que alguém estava a fazer num recanto qualquer de outro lado do mundo.

Custa a acreditar, mas é verdade. Aliás, bastava-me cheirar quando estava esfomeado. Fechava os olhos e para ali ficava, a saborear aquilo de que mais gostava. Chegava a ficar enfartado.

Porém nem tudo corria bem. Com um nariz tão grosso e tão comprido, nunca passava despercebido. Estavam sempre a olhar para mim e apontar-me um dedo. E as crianças fugiam quando me viam, cheias de medo. Os outros também. E não era esse o único inconveniente. Também derrubava as pessoas quando me virava de repente. Talvez por isso, pouca gente se chegava a mim, ou passava perto, e o sítio onde eu chegasse logo ficava deserto.

As pessoas diziam que eu metia o nariz em todo o lado, mesmo onde não era chamado. Ninguém gostava. Mas que havia eu de fazer? Ele era o primeiro a chegar. E cheirava, cheirava. Ficava logo a saber se as pessoas tinham tomado banho naquele dia, ou mudado a roupa interior, o que tinham almoçado, por onde tinham andado. Se não estivesse constipado e a fungar até era capaz de cheirar o que elas estavam a pensar. Era ele ser metediço.

Eu é que tinha de o carregar, de espantar os pássaros que nele pousavam e os ratos que o queriam roer, à noite, sem saberem que me estavam a roer a mim, e os outros é que se queixavam, mas enfim.

Estava visto que o mundo não era feito para gente com um nariz assim, do tamanho de um chouriço. Por isso, fui-me afastando e acabei a viver sozinho no cima da serra, numa velha casa abandonada. Foi por acaso que dei com ela. Mas era tão pequena que a ponta do meu nariz ficava fora da janela. Passei o inverno coberto de neve

A minha vida estava mesmo a dar para o torto. Como dissera a fada. Mas eu não me queixava. E não desistia nem desanimava. Não tinha nada de meu, só era senhor do meu nariz, e, mesmo assim, era feliz.

Até que, certa manhã, apareceu lá em cima o carteiro da cidade. Ia levar uma carta, já não sei de quem porque ninguém me escrevia.

– Como vai a vida lá em baixo perguntei?- perguntei.

- Vamos andando. Tudo normal.

- Eu sei. Perguntei por perguntar. É vontade de falar. Porque isso sei eu. Olhe, agora mesmo, sabe o que está a acontecer?

O carteiro sorriu. Como havia ele de saber? Eu prossegui:

– Está um bolo de mel e nozes a queimar no forno, ali para os lados da Praça das Flores. Acho que é para aí...

– Como é que sabe?

– Cheira-me a queimado para esse lado.

– Às tantas é a minha mulher. Não tem cuidado.

O carteiro pôs logo os pés ao caminho.

– Espere- disse eu – Na mata da Pedra Encantada também há uma fogueira que não foi bem apagada. Esta nortada fará dela um grande incêndio. Isso é certinho.

O carteiro faz-se outra vez ao caminho.

– Espere! Ainda não é tudo- disse eu-. – O tempo está a mudar e a meio da madrugada chegará um temporal vindo do mar. Não é normal, nesta altura do ano, e quem não proteger os seus bens vai chorar quando acordar.

Ao carteiro custava-lhe a acreditar que eu pudesse adivinhar o que iria acontecer, mesmo que o tivesse cheirado. Mas pelo sim, pelo não, despediu-se e foi andando, muito apressado.

Lá em baixo, deu as notícias do meu nariz e tudo aquilo se confirmou. O incêndio foi evitado e o grande temporal que chegou de madrugada poucos males causou. Só bolo de mel e nozes é que não se salvou. Quando o carteiro entrou em casa, muito atarantado, já ele estava esturricado.

Foi então que as pessoas perceberam que eu, afinal, tinha muita utilidade. E puseram-me ao serviço da cidade. Já que um nariz assim dava tanto jeito, era uma arma, um poder, não um defeito.

Passei a viver na praça principal, num palácio muito espaçoso de paredes acolchoadas (por causa das narigadas). E o meu nariz, que sempre fora famoso, passou de incómodo a delicado e precioso. Era tão útil que viu em fim, reconhecido o seu valor. E foi assim que deixei de ser um cheirinhas para ser um cheirador. O Senhor Cheirador. O caminho de casa estava sempre cheio de gente que vinha pedir um favor, ouvir uma opinião. Eu lhes dizia se me cheirava. Ou não.

Até que um dia, a meio da primavera, chegou à cidade um aroma desconhecido. Podia ser uma coisa boa, podia ser uma coisa má e era preciso saber o que aquilo era. O desconhecido é um monstro muito temido.

E o que era aquilo afinal? Só se sabia que cheirava mal. Queijo, era o que mais parecia, mas feito com coisas de cá, na Terra, não havia. E com outra arte. Talvez o fizessem em Vénus, Saturno. Ou antes em Marte.

– Estamos perdidos – gritou o governador da cidade. – Vêm aí os marcianos! Vão invadir a Terra.

Estava visto que ia começar uma guerra.

Pé ante pé, segui o rasto daquele cheiro, com vários homens atrás, e foi assim que apanhámos um casal de marcianos que estava a fazer piquenique no sopé da serra.

Assim que viram chegar o meu nariz enfiaram-se num disco voador que, num instante, desapareceu no ar. Só ficou um queijo vermelho com buracos no meio. Cheirava mal, mas era delicioso. Pelo menos, foi o que disse o senhor Veloso, o único que teve a coragem de o provar. Comeu até ficar cheio.

E foi assim. Havia quem dissesse que aquilo era o principio do fim, ou seja, o princípio de uma invasão, e que o meu nariz tinha sido a nossa salvação. Eu acho que não mas enfim.

Fosse como fosse, fizeram de mim um herói. E o governador da cidade agradecia, ladeado por um padre e um juiz, pendurando uma medalha de ouro na ponta do meu nariz.

O tempo foi passando, ora depressa, ora devagar, sem que de nada especial acontecesse. Até que, numa certa madrugada, cheirou-me a uma coisa que já não me cheirava há muito tempo. Mais exatamente desde o dia do meu nascimento. Aos outros não lhes cheirava a nada, a mim cheirava-me a pó de fada. Segui o rasto cheiroso e fui parar ao beco mais escuro da cidade, onde encontrei uma fada em muito mau estado. Era uma fada do ar mas estava estendida na lama, incapaz de se mexer. Tinha duas asas transparentes, muito amarrotadas, e trazia uma saia-cor-de-rosa, muito rodada, que já não usava.

– Não te lembras de mim?- perguntei.

Ela disse que sim, a olhar para o chão, talvez envergonhada pelo que tinha feito. E disse, por fim, com as mãos cruzadas sobre o peito:

- Desculpa ter-te dado um nariz do tamanho de um chouriço.

- Deixa lá isso – disse eu – Até me deu jeito. E agora diz-me: o que te aconteceu?

– A minha vida de fada deu para o torto. Não sei porquê, esqueci-me do sítio onde fica a porta no ar por onde costumo passar. O que havia de me acontecer! E logo hoje que tinha tanto para fazer.

– E agora?

– Não consigo regressar e o meu corpo de fada está a definhar. Acho que vou morrer.

– Não se te mexeres. Quem não se mexe emperra. Se não podes ser fada e voar e passar por uma porta no ar, aguenta-te em terra. Gostas de sopa de ervilhas e hortelã? E de pão fresco pela manhã?

A fada não sabia se gostava nem se lhe apetecia. Só queria um sítio calmo e limpo para morrer. Mas apreciou a sopa de ervilhas e hortelã que lhe preparei. E que a fez renascer. Na manhã seguinte, também apreciou o pão acabado de cozer. E o sabor do leite não era pior. Para ela era tudo novo, era tudo bom, mas podia ainda ser melhor.

Por isso, passou a cozinhar à sua maneira, usando uns pozinhos que voavam no ar da cozinha. Pão de fada, cozido de fada, salada de fada, bolinhos de fada. Não vos digo nada! Aquilo não era uma fada do ar era uma fada do lar. E era só minha.

– Além de ti ninguém me pode ver ou será o meu fim- disse ela abraçada a mim.

E foi assim que nunca mais se abriram as portas e as janelas da minha casa. Além disso deixei de receber vistas e mandei levantar mais os muros do meu jardim. Mas aqueles aromas escapavam pelas frinchas de portas e janelas. As pessoas paravam de caminhar na rua e ficavam com o nariz no ar. Nunca ninguém tinha cozinhado tão bem. Logo, havia ali qualquer magia, qualquer feitiço. Não era preciso ter um nariz do tamanho de um chouriço para dar por isso. E, um dia um rapaz mais curioso e mais destemido saltou o muro e deparou com a fada, que andava no jardim, a colher verduras para o jantar.

– Ah! Uma fada do ar! – disse, ele muito espantado.- O que está aqui a fazer?

A notícia deu a volta à cidade e todos a queriam ver.

– Tenho de partir ainda esta noite. Ou estarei morta ao amanhecer – disse a fada a chorar.- Mas já não sei onde guardei as asas, nem onde fica a porta no ar.

Levei-a até à montanha a um sítio onde, de vez em quando, também me cheirava a pão de fada, a cozido de fada, a salada de fada e bolinhos de fada.

- Sempre que passo por aqui lembro-me de ti.

- E não dizias nada!?

– Não queria que te fosses embora. Mas agora ...

A ela não lhe cheirava a nada, mas apalpou o ar em volta e encontrou o que procurava.

– A porta no ar é aqui. Já posso passar.

Na hora da despedida, a fada agarrou-se ao meu nariz a chorar, muito comovida.

Dizia ela:

– Devo-te a vida. Este nariz foi a minha salvação.

– E a minha, não ?

Ela nem me ouviu. E continuou:

– Agora sei porque assim te fadei, eu nunca tinha feito mal a ninguém. Era para o meu próprio bem. Às vezes, as fadas também sabem o que vai acontecer. Sabem mas não sabem que sabem. Percebes? Sabem sem o saber.

Eu também estava comovido, não o posso negar, e o meu nariz começou a fungar.

A fada afastou-se para não se molhar e prometeu voltar todos os domingos de madrugada para fazer comida de fada e matar saudades.

Quando ela abriu a tal porta saíram de lá tantos perfumes intensos e diferentes que o meu nariz se pôs a tossir.

Ela começou a rir. Depois deu duas voltas no ar e voou como só uma fada sabe voar.

– Até domingo! – disse ela antes de fechar a porta do ar.

E eu:

– Não venhas tarde. Mal posso esperar."

GOVERNO DE PORTUGAL | MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE VOUZELA

BAIRRO DA SENRA, 3670 257 VOUZELA | ☎ 232 772 046 | FAX: 232 772 053 / 232 771 395

http://www.aevouzela.net | ✉ eb2.vouzela@netc.pt

Escola Básica de Fornelo do Monte

Nome João Ricardo Martins Duarte Ano 3º Data 20/04/2016

Ficha de verificação da compreensão da leitura

O senhor do seu nariz de Álvaro Magalhães

1. A personagem principal desta história tinha o nariz muito comprido porque uma fada disse que ele iria ter o nariz do tamanho de um alfinete.

2. O menino tinha muitas dores nas costas porque o nariz o fazia inclinar para baixo

3. O menino sentia-se feliz porque o carteiro trazia-lhe uma carta.

3.1. Ele sempre se sentiu assim? Não

4. Como é que a população da cidade o recompensou? Recompensou-o com uma moeda de ouro.

Professor: João Cavaleiro

2. Guião de exploração do livro: Ficha Técnica

Coleção: Biblioteca Álvaro Magalhães
Ano de Edição / Impressão / 2010
Número Páginas / 64
Dimensões / 21.0 x 1.0 x 20.8 mm
Editora / ASA

Sinopse

Um conjunto de cinco contos encantadores e divertidos, que também nos deixam a pensar. Há a história de um rapaz condenado a carregar desde a nascença um nariz do tamanho de um chouriço e que, aos poucos, transforma a sua desgraça em graça. Há também a história de quatro ladrões que são enganados por uma luz esverdeada que lhes falava ao ouvido. E a história de Pedro e Inês, que se queriam bem, mas se desencontraram durante a vida inteira (e na outra também). E a história do Senhor Pascoal, que deu a volta ao mundo à procura da felicidade e só a encontrou quando deixou de a procurar. E ainda a história de um homem ambicioso e agitado que não dava descanso ao seu anjo da guarda. Tanto quis e tanto andou, que acabou onde tinha começado.

2.1 Preenche a tabela que se segue de acordo com as informações da *Ficha Técnica* do livro:

Título	O senhor do seu nariz
Autor	Álvaro Magalhães
Editora	ASA
Data de Edição	2010
Coleção	Biblioteca Álvaro Magalhães
Número de contos	cinco

Educação Literária

1. Nas questões 1.1 a 1.5 Assinala com um **X** a opção correta, de acordo com o conto:

1.1 A personagem principal do texto é...

A fada	☐
O senhor	☒
A mãe do senhor	☐

1.2 A fada informou a mãe de que o seu filho teria...

Um grande bigode	☐
Um sorriso bonito	☐
Um nariz do tamanho de um chouriço.	☒

1.3 A expressão "deu para o torto" significa ...

Que alguma coisa vai dar mau resultado	☒
Que alguma coisa correrá bem	☐
Que acontecerá um milagre	☐

1.4. A expressão "perder de vista" significa...

Um problema de visão ☐

Que se vai perder alguma coisa ☐

Uma coisa muito distante que a nossa visão não consegue alcançar ☒

1.5 O senhor andava...

Incomodado, mas conformado com o seu nariz ☒

Zangado com o seu nariz ☐

Satisfeito com o seu nariz ☐

2. O nascimento foi a primeira dificuldade sentida pela personagem central da história.

2.1 Transcreve as expressões que ela usou para nos dizer que a vida na barriga da mãe era mais agradável.

"Custou-me muito nascer. Estava tão bem desnascido, aconchegado sem ter nada que fazer. Mas tinha de ser.

3. Que destino previu a fada para o recém-nascido?

Previu que o recém-nascido iria ter um nariz do tamanho de um chouriço.

4. De acordo com o conto caracteriza a personagem principal.

A personagem tem um nariz do tamanho de chouriço que lhe incomoda muito tem cabelo curtos; uma amiga fada, uma casa com paredes acolchoadas e muita boa comida.

4

5. Na tabela que se segue, pinta a verde os aspetos positivos e a amarelo os aspetos negativos resultantes da dimensão do nariz.

O nariz chegava primeiro que o rapaz e não cabiam os dois em todo o lado.	Ganhava nas corridas por um nariz.	Era desagradável ser diferente dos outros.	Os ratos roíam-lhe o nariz	Sabia o que estava a acontecer em todo o lado só pelo cheiro.	Tinha um nariz muito metediço.
Tinha um olfato muito apurado.	Quando esfomeado, ficava enfartado só pelo cheiro.	Assustava as crianças.	Adivinhava o que era o jantar em todas as casas.	Derrubava as pessoas quendo se voltava de repente.	Nunca passava despercebido e apontavam-lhe o dedo.

6. Transcreve do texto as ideias nos permitem confirmar que o rapaz era otimista e acabou por se conformar com o destino que lhe traçou a fada.

- Ó vida deste rapaz vai dar para o torto.
- Não diga isso - pediu a minha mãe, muito aflita.
- Digo foi - voltou o fado. - Ele terá um nariz do tamanho de um chouriço

7. Identifica os malefícios para a saúde do rapaz provocados pelo tamanho exagerado do nariz.

O nariz fazia-o inclinar para a frente e doíam-lhe as costas.

8. Para onde foi viver o "senhor do seu nariz" devido ao afastamento das pessoas?

Foi viver para uma casa abandonada no cimo da serra afastado das pessoas.

9. Transcreve do texto os acontecimentos que o senhor do seu nariz anunciou ao carteiro, mas que conseguiram ser evitados

"- Na mata da Pedra Encantada também há uma fogueira que não está bem apagada. Ainda não é tudo - disse ele - o tempo está a mudar e a meio da madrugada chegará um temporal vindo do mar.

Foi então que as pessoas perceberam que eu, afinal, tinha muita utilidade.

E puseram-me ao serviço da cidade

10. Regista na tabela, as alterações que ocorreram a partir dessa altura, na vida do "Senhor do seu nariz"

	Habitação	Opinião sobre o nariz	Atitudes das pessoas
Antes	Casa abandonada na serra	Metediço	Diziam que ele metia o nariz onde não era chamado
Depois	Casa na praça principal	Muito útil	Dizem que o nariz tem muita utilidade.

11. Assinala com um **V** (verdadeira) ou um **F** (falsa) cada uma das seguintes afirmações:

Num dia de primavera, chegou à cidade um aroma que cheirava mal. V

O senhor do seu nariz evitou uma possível invasão da cidade por mexicanos. F

O governador da cidade condecorou o senhor do seu nariz com uma medalha de bronze. F

O Senhor do seu nariz encontrou a fada que o fadou, em bom estado, num beco escuro. F

O nariz acabou por revelar -se como a salvação daqueles cujas vidas deram para o torto. F

Entre a fada do ar e o senhor do seu nariz nasceu uma grande amizade. V

GOVERNO DE PORTUGAL | MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE VOUZELA
BAIRRO DA SENRA, 3670 257 VOUZELA | ✆ 232 772 046 | FAX: 232 772 053 / 232 771 395
http://www.aevouzela.net | eb2 vouzela@netc.pt

Produção Escrita

Imagina que és tu o senhor do seu nariz. Num texto de, aproximadamente, 15 linhas descreve como seria o teu dia na escola.

O meu dia na escola seria muito triste, ninguém queria brincar comigo, assustava os outros alunos, se me mexia de repente a cabeça para um lado podia derrubar os outros com o meu nariz e eles iam dizer ao professor e ele punha-me de castigo.

Depois não podia brincar e não podia apanhar ar fresco.

Não era preciso trazer lanche porque bastava cheirar alguma coica deliciosa que ficava logo sem fome, podia partir os vidros das janelas da sala de aula e se estivesse a chover molhava os trabalhos da escola e tinha de os voltar a fazer para não tirar negativa.

Nome João Ricardo Antunes Duarte Ano 3.º Data 26/04/2016

GOVERNO DE PORTUGAL | MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE VOUZELA

BAIRRO DA SERRA, 3670 257 VOUZELA | ☎ 232 772 046 | FAX: 232 772 053 / 232 771 395

http://www.aevouzela.net | ✉ eb2.vouzela@netc.pt

Escola Básica de Fornelo do Monte

Nome João Ricardo Cruntunes Duarte Ano 3º Data 26/04/2016

Gramática

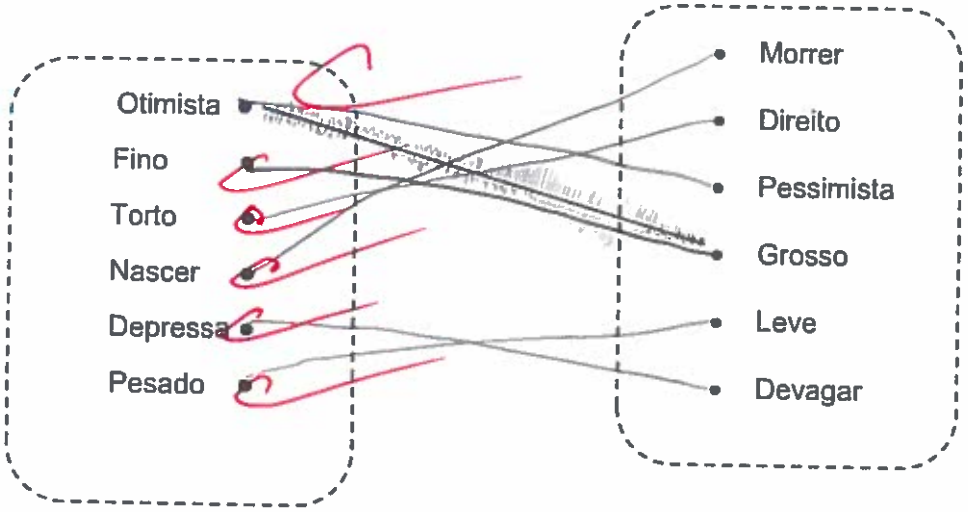
" Estava visto que o mundo não era feito para gente com um nariz assim, do tamanho de um chouriço. Por isso, fui-me afastando e acabei a viver sozinho no cimo da serra, numa velha casa abandonada. Foi por acaso que dei com ela. Mas era tão pequena que a ponta do meu nariz ficava fora da janela. Passei o inverno coberto de neve.

A minha vida estava mesmo a dar para o torto. Como dissera a fada. Mas eu não me queixava. E não desistia nem desanimava. Não tinha nada de meu, só era senhor do meu nariz, e, mesmo assim, era feliz."

1. Observa a tabela que se segue e coloca um **X** na coluna correta, a que a palavra pertence:

	Adjetivo	Nome comum	Verbo	Pronome pessoal	Determinante possessivo	Advérbio de negação
casa		X				
minha					X	
feliz	X					
ela				X		
não						X
inverno		X				
viver			X			
velha	X					
dar			X			
meu					X	

2. Associa os antónimos, de acordo com o exemplo:



3. Ordena alfabeticamente a seguinte lista de palavras, de acordo com o exemplo:

2 cimo	7 sozinho	3 fada	1 chouriço
8 vida	4 inverno	5 nariz	6 serra

4. Lê com atenção as frases que se seguem.

a) A ponta do meu nariz ficava fora da janela.

b) Passei o inverno coberto de neve

4.1 Coloca-as, respetivamente, nos tempos verbais indicados:

a) Futuro A ponta do meu nariz ficará fora da janela

b) Presente Passo o inverno coberto de neve.

Professor: João Cavaleiro

5. Sublinha no texto, com cores diferentes, dois exemplos de palavras monossilábicas, dissilábicas e trissilábicas.

5.1 Transcreve-as para a grelha que se segue:

Monossílabos	Dissílabos	Trissílabos
Não	fazer	dizia
Dar	também	havia

6. Distribui pelas colunas corretas as palavras/expressões dadas

Palavras/Expressões	Família de palavras de rapaz	Área vocabular de nariz
- imponente; - cheirava o pensamento; - grosso; - rapazinho; - assustador; - rapazola; - comprido; - poderoso; - rapazote; - coberto de neve; - rapagão; - incómodo; - metediço	rapazinho rapazola rapazote rapagão	imponente cheirava o pensamento grosso assustador comprido poderoso coberto de neve incómodo metediço

FIM